

## A INCLUSÃO COMO CONQUISTA DE LUGAR SIMBÓLICO

Nostradamos de Medeiros Lins\*

Um sujeito com limitações possui infinitas possibilidades de se inserir na cultura. Cabe a todos abrir possibilidades ao invés de ficar contemplando a limitação e a própria falta.

A educação inclusiva é uma proposta de política educacional consolidada, na qual o portador de necessidades especiais, incluído entre os demais alunos, deve ter acesso aos meios necessários para o desenvolvimento das suas potencialidades. Sua função vai além da simples educação escolar, adquirindo um papel estruturante no psiquismo do sujeito como um todo, no momento em que proporciona o acesso à cultura. Para entendermos melhor como isso ocorre, façamos um breve percurso pelos conceitos psicanalíticos teorizados por Jacques Lacan, psicanalista francês do século XX, que desenvolveu sua obra a partir da releitura dos textos de Sigmund Freud.

Em primeiro lugar, é preciso entender qual o papel que Lacan dá à linguagem. Para muitos autores, a função da linguagem é ser um instrumento de expressão e comunicação do qual o ser humano se serve. Lacan, ao contrário, vê a linguagem como a estrutura que captura o homem, submetendo-o ao simbólico. Este – o simbólico – será a ordem constituída da linguagem. As coisas adquirem existência, para o homem, se puderem ser faladas, ou seja, se estiverem submetidas à ordem simbólica. O simbólico, portanto, incide sobre nós, fundando-nos enquanto sujeitos de linguagem, assumindo a primazia. A nossa vida é a vida simbólica, primordialmente. Tomando este ponto de partida, aprofundemos um

---

\*Nostradamos de Medeiros Lins é Assessor da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.

pouco como ocorre a constituição do sujeito humano como ser de linguagem.

A existência de uma criança não se inicia com o nascimento. Antes de vir ao mundo, existe uma gama de expectativas em torno dela de forma que a mesma já se encontra fazendo parte do discurso dos seus pais. Não é preciso nem estar concebida, pois no desejo dos pais já há um lugar para a criança, lugar simbólico, presentificado na fala parental, fala que a envolve na teia simbólica. Ao nascer, ela apenas ocupará o lugar preexistente. A vida simbólica antecede e se sobrepõe à vida real.

Porém, a criança que nasce nunca é a mesma que foi desejada. A mãe, imaginariamente, crê que aquele bebê seria o que viria a lhe completar, mas isto nem sempre ocorre. É necessário que ocorra um luto do filho que não veio, para que o que chegou possa ocupar o lugar simbólico outrora determinado, lugar este abalado pela não-coincidência entre o filho que veio e o que se desejaria que viesse. Há como que uma morte simbólica do filho desejado, filho que deveria ser perfeito e que a completaria, o que faz com que o filho nascido possua uma falha/falta simbólica. Esta falta é estrutural e necessária para que o sujeito se constitua como desejante. A falta moverá o sujeito (a completude nos impediria de desejar, pois ninguém buscará o que já tem) e porá em movimento o desejo. A falta é inerente e fundante do ser humano; é a causa da busca do sujeito para ocupar seu lugar simbólico na cultura.

Mas não é fácil conviver com essa falta. A angústia aponta para a existência dela e a imprecisão e incerteza daquilo que ao homem completa nos deixa perdidos, pois tudo que buscamos só parcialmente nos satisfaz. Todos temos de dar conta dela de alguma forma e o modo como cada um se posiciona frente à falta dirá da estrutura psíquica do sujeito.

O que foi até aqui falado a todos se aplica enquanto seres humanos. No caso de um sujeito que nasce com alguma limitação (física, mental, auditiva, visual ou múltipla), pode acontecer uma peculiaridade da ocorrência da falta. Esta, primordialmente simbólica em todos, no sujeito com limitação, em especial, se apresentará de

forma real, além de simbólica; a falta marcará, não somente a alma, como ocorre a todos, mas também marcará o corpo. O sujeito portador de limitação, tal como todos, também é marcado pela falta simbólica. A coincidência entre a falta simbólica e a da realidade é feita por uma operação imaginária, ilusória, não havendo correspondência direta entre ambas. Ao se olhar para a limitação, acaba-se vendo a falta simbólica, o que, nos sujeitos ditos normais, produz angústia. Ao contemplar o portador de limitação, é como se o sujeito a si mesmo se contemplasse, o que o faz, como que por espelho, se perceber como simbolicamente faltante. A perfeição do corpo faz com que imaginariamente as pessoas ditas normais narcisicamente se vejam perfeitas, “esquecendo-se” de sua falta simbólica e o contato com o portador de limitação sempre o avisará da sua incompletude. A reação defensiva e fugidia como muitas vezes os portadores de limitação são tratados é porque ocorre um golpe no narcisismo de cada um. A falta é simbólica e é comum a todos, normais ou não. Sendo ela a causa do desejo, para onde este deve movimentar o sujeito?

Todo sujeito deve lutar pelo seu lugar, buscar o reconhecimento do outro, procurar se inserir na cultura. A estruturação do sujeito passa pelo outro, pois só nele somos reconhecidos. Ao carregar no corpo a marca real da sua limitação, torna-se mais árdua a luta do portador de limitação para conquistar o seu lugar na cultura. Um sujeito com limitação possui infinitas possibilidades de se inserir na cultura. É dono de um potencial, que é apenas limitado em algum aspecto. O que muitas vezes ocorre é a cristalização do olhar em torno da limitação, o que impede que lugares e possibilidades e alternativas possam ser abertas. Por exemplo, uma pessoa paraplégica não poderá ser uma bailarina rodopiando sobre duas pernas de forma ereta e sem auxílio, mas pode ser uma bailarina sobre cadeira de rodas, amparada por alguém ou por algum instrumento, dentre mil outras opções. Cabe a todos nós abrirmos as possibilidades, ao invés de ficarmos contemplando a limitação e lamentando nossa própria falta.

A educação inclusiva é, sem dúvida, um meio excelente de proporcionar aos portadores de limitação a oportunidade de os mesmos procurarem ocupar seu lugar na cultura, seu reconhecimento enquanto sujeitos, sua posição de desejantes. Na medida em que dá os meios para o portador de limitação acessar a produção humana, possibilita a convivência entre ele e os demais educandos e oportuniza se contemplar além da limitação, produz-se como resultado o reconhecimento de um sujeito que se expressa.

Cabe a todos nós, como parte da civilização, a responsabilidade de proporcionar as oportunidades para cada um ser sujeito, e, desta forma, a civilização, enquanto um pacto entre todos os homens, possa continuar existindo. Negar o acesso à cultura é negar a posição humana de buscar, e logo inviabilizar o exercício do desejo, que é o que a cada um singulariza. O percurso rumo à singularidade é o percurso de cada um em busca de si mesmo.